

BAKHTIN E LAKOFF: RELAÇÕES DIALÓGICAS METAFORIZADAS NO DISCURSO DE PROFESSORES EGRESSOS DO PROFORMAÇÃO EM RONDÔNIA

Ingrid Leticia Menezes Barbosa¹

Resumo: O presente trabalho propôs-se à análise de memoriais/discursos produzidos por professores egressos de um curso de formação de professores, o Proformação. Em seu discurso os professores egressos evidenciavam a dimensão ideológica, que pode tanto transformar quanto reproduzir as relações de dominação, logo essa pesquisa expressou interesse específico na explicitação dessa ideologia subjacente, propondo analisar e descrever os pressupostos implícitos no discurso dos professores egressos. O referencial teórico que fundamentou este estudo foi constituído com base na teoria de Mikhail Bakhtin (2004) acerca de dialogismo e ideologia. Este quadro teórico foi complementado por um breve estudo dos conceitos metafóricos de George Lakoff e Mark Johnson (2002). A partir das análises foi possível verificar que os egressos reconstruíram seus discursos através da interação dialógica proposta por Bakhtin, constituindo-se sujeitos responsivos, em face das ideologias subjacentes.

Palavras-chave: Discurso. Dialogismo. Metáforas Conceituais

Resumen: La presente investigación se propone el análisis de memorias/discursos producidos por profesores egresados del Proformação, un programa de formación de profesores. Los memoriales presentaban la historia del profesor, su manera de registrar la construcción de su identidad profesional en la trayectoria del programa. En su discurso los profesores egresados evidenciaban la dimensión ideológica, que puede tanto transformar cuanto reproducir las relaciones de dominación, luego esa investigación expresa interés específico en la explicitación de esa ideología subyacente proponiendo analizar y describir los presupuestos implícitos en el discurso producido por los profesores egresados. El referencial teórico en que se fundamenta este estudio fue constituido con base en la teoría de Mikhail Bakhtin (2004) acerca de del dialogismo e ideología. Este cuadro teórico fue añadido por un breve estudio de los conceptos metafóricos de George Lakoff e Mark Johnson (2002). A partir del análisis fue posible verificar que los egresados han reconstruido sus discursos a través de la interacción dialógica propuesta por Bakhtin, constituyéndose sujetos responsivos, frente a las ideologías subyacentes.

Palabras clave: Discurso. Dialogismo. Metáforas Conceptuales

¹ Possui Licenciatura em Letras Português/Literatura Brasileira (2003), Especialização em Linguística aplicada ao ensino da Língua Portuguesa e em Tecnologias em Educação; Mestrado em Ciências da Linguagem (2009) pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). É autora do livro “Linguagem e Educação: Um olhar sobre o discurso metafórico dos professores egressos do Proformação em Rondônia”. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) - Câmpus Cacoal. Vice-líder do grupo de pesquisa em Educação a Distância (GPED), CNPQ (2012) e membro do Grupo de Pesquisa Língua(gem), cultura e sociedade: saberes e práticas discursivas na Amazônia/IFRO, CNPq (2010).

Linguagem e Formação

Este estudo expressa interesse específico na análise de mecanismos discursivos que são empregados frequentemente na veiculação de conteúdos ideológicos subjacentes no discurso sobre a Educação. Propôs-se analisar e descrever os pressupostos implícitos no discurso de professores egressos do Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO), identificando nos discursos analisados, mecanismos ou processos linguísticos que identificasse a presença de certas formulações intersubjetivas - e, portanto, ideológicas - em torno do tema educação.

De antemão, cabe registrar que o interesse pelos estudos relacionados ao discurso advém da grande e merecida atenção dispensada por parte de diferentes áreas do conhecimento para com a linguagem. Essa constatação pode ser observada nos inúmeros estudiosos que comungam do pensamento e das concepções do teórico russo, Mikhail Bakhtin.

Bakhtin (2004) define a língua como um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem representar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas de um determinado meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesma. Logo, a linguagem possibilita ao homem representar a realidade física e social, conservando um vínculo estreito com o pensamento, possibilitando interações e relações interpessoais anteriormente inexistentes.

Para alcançarmos os objetivos propostos pela pesquisa tomou-se como objeto o *corpus* - um instrumental de avaliação do programa de formação denominado “memorial”, pois por meio da análise deste, poderíamos perceber que, por trás das ações dos egressos existia um conjunto de ideias e um discurso que os orientava, mesmo que eles não tivessem plena consciência dessas ideias e desse discurso.

O discurso, aqui entendido como manifestação da linguagem, é uma forma de ação interindividual, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade nos distintos momentos da sua história. Assim, Bakhtin (2004, p. 34) deixa claro que “a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social”.

Como suporte à análise do objeto fez-se um paralelo entre os pressupostos teóricos de

George Lakoff e Mark Johnson (2002) acerca das concepções metafóricas subjacentes nos discursos e as concepções de dialogismo e ideologia bakhtinianas, a fim de desvelar concepções implícitas de linguagem e de ideologia no discurso dos egressos.

Concepções Teóricas em Bakhtin e Lakoff & Johnson

Dentre os conceitos estudados e destacados por Mikhail Bakhtin em suas obras, destacamos dois aspectos que consideramos relevantes a este trabalho: o dialogismo e a ideologia. Os discursos apresentados como *corpus* buscaram identificar uma relação dialógica e ideológica com as propostas de formação do programa.

A concepção de linguagem em Bakhtin se fundamenta num caráter dialógico. Para ele, todo enunciado faz parte de um diálogo, portanto de um processo de comunicação ininterrupto, assim definindo-o como:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro senão uma das formas é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido mais amplo, isto é, não apenas com a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 2004, p. 123).

Quando se diz que o dialogismo é constitutivo do enunciado, está-se afirmando que, em sua estrutura composicional as diferentes vozes se manifestam, ou seja, todos os enunciados constituem-se a partir de outros.

Sendo assim, o dialogismo pode e deve ser considerado como relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados, isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado pelo *discurso alheio*. Logo, “dois enunciados alheios confrontados, que não se conhecem e toquem levemente o mesmo tema (ideia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum” (BAKHTIN, 2003 p. 320). (grifo nosso)

Desse modo, o dialogismo, é para Bakhtin o princípio que norteia a vida discursiva e marca sua presença no enunciado, todavia não reduzindo a comunicação interpessoal, entre locutores e ouvintes - mas pressupõe também relações com enunciados anteriores. Logo, o dialogismo afeta o discurso por fora e por dentro, não apenas constituindo os elos entre os interlocutores, mas participando da vida interna do discurso conduzindo as vozes sociais que

o compõem.

Nessa perspectiva, o diálogo, tanto exterior, na relação com o outro, como no interior da consciência, ou escrito, realiza-se na linguagem. Assim, Bakhtin (2003) define que “as relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (p. 323), ou seja, quaisquer enunciados que são confrontados em um plano de sentido, que não objetivo nem tampouco exemplos linguísticos, acabam em relação dialógica.

Já a ideologia é um conceito primordial nos estudos realizados por Bakhtin acerca da linguagem. Seus estudos sobre a ideologia fundamentavam-se em uma perspectiva marxista, porém Bakhtin buscava quebrar essa tradição de análise ideológica como subjetiva e interiorizada que entendia a ideologia como ideia estática, idealista que se desenvolvia no interior intelectual do sujeito, assim não podendo ser compreendida como acontecimento vivo e dialógico. Bakhtin buscava mostrar as determinações ideológicas neste complexo fenômeno que é a linguagem, analisando assim como ela veicula a ideologia.

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas (BAKHTIN, 2002, p. 183).

Sendo assim, o conjunto de signos de um grupo social constitui o que Bakhtin chama de universo de signos, ou seja, além do sentido físico-material e sócio-histórico ele recebe significações de um dado sujeito, determinando a realidade, logo se tornando o signo ideológico. O lugar dessa materialização do signo é na comunicação contínua, e se dá na interação verbal constituindo a linguagem como o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. Assim, Bakhtin (2004, p. 31) deixa claro que “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”.

Bakhtin coloca como base de sua teoria a enunciação, esta vista como realidade da língua e como estrutura social e ideológica, logo o signo e a situação social estão ligados, assim os sistemas semióticos servem para retratar a ideologia. Apoiando-se no pensamento de Bakhtin, Miotello (2008, p.172) afirma que “o signo verbal não pode ter um único sentido, mas possui acentos ideológicos que seguem tendências diferentes, pois nunca consegue eliminar totalmente outras correntes ideológicas de dentro de si.”

Seguindo a perspectiva acima, as formações ideológicas podem ser entendidas como representações, ideias de um determinado grupo social que revelam a compreensão de uma dada classe, logo essas formações correspondem com uma formação discursiva que materializam uma dada visão de mundo. E o homem constrói seus discursos assimilando essas formações, por isso dizemos que esses discursos são mais reproduzidos que construídos. Fiorin (2007, p. 09) também argumenta dizendo que “uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer. Há, numa formação social, tantas formações discursivas quantas forem às formações ideológicas”.

A ideologia, por ser uma inversão da realidade, está submersa no objeto, no social, não estando, portanto somente na consciência. Ela existe mesmo sem a consciência dos sujeitos sociais, ocultando de uma forma fenomênica a realidade e suas relações mais profundas, expressando-se de uma maneira invertida, logo essa inversão caracterizando-se a ideologia. A forma como uma classe social percebe a realidade e a ordena torna-se um fator ideológico.

Em relação às metáforas conceituais partiu-se da concepção de Lakoff e Johnson (2002 p. 45) que teorizam dizendo: “A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem [...]”.

Ao fazer esta afirmação, Lakoff e Johnson conceituam a metáfora por outra ótica, logo que ela “está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação” (2002, p. 45). Assim, eles concluem que não só pensamos como também agimos, metaforicamente, por natureza.

A visão da metáfora defendida por Lakoff e Johnson (2002) contraria a visão da antiguidade Clássica até meados do século XX, quando a metáfora era vista como uma figura de linguagem que ornamentava discursos. Essa concepção, que tem seus preceitos no pensamento aristotélico, teria funções de apenas persuadir, quando utilizada na retórica e elaborar efeitos estéticos, quando utilizada na poética. Desse modo, a metáfora apresentava-se sempre como linguagem figurada, logo naquela época em oposição às verdades científicas e filosóficas. A linguagem estava no momento como mera representação da realidade, não admitindo sua constituição no social nem tampouco no discurso.

A partir da metade do século XX, estes pressupostos acerca da linguagem são rompidos pela ideia de uma linguagem mediada pelo sujeito sócio-histórico constituído por esta linguagem. Percebe-se a realidade apoiando-se nos discursos que sobre ela são elaborados

para sua constituição social, logo legitimado pelos sujeitos de um dado grupo. Essa conceituação de metáfora homologa a teoria do dialogismo e ideologia na concepção de Bahktin, uma vez que - os sujeitos constituem-se dos discursos de outrem, apossando-se das características desses discursos como elementos constitutivos de novos discursos.

Lakoff e Johnson (2002, p. 46) teorizam a metáfora como “um [...] sistema conceptual que desempenha [...] um papel central na definição de nossa realidade cotidiana [...], então o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora”. Como exemplo, Lakoff e Johnson utilizam as metáforas conceituais “Discussão é guerra” e “Tempo é dinheiro”, além de apresentar outras metáforas como da competição, do conhecimento, da religião etc. Estas metáforas estão presentes em nossa linguagem cotidiana numa grande variedade de expressões.

Vale ressaltar que normalmente não temos consciência do nosso sistema conceptual, e que na maioria dos atos de nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, logo a linguagem é um meio e fonte importante para evidenciar esse sistema. Lembrando que a metáfora não é somente uma questão de linguagem, de meras palavras. Os processos do pensamento são em grande parte metafóricos. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), as metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós. Assim, metáforas significam conceitos metafóricos, uma vez que este é sistemático e a linguagem que utilizamos para falarmos sobre aspectos do conceito é sistemática.

Apesar da ênfase dada à dimensão cognitiva da metáfora, Lakoff e Johnson (2002) abordam a importância do fator cultural na criação e manutenção das metáforas que estruturam o pensamento humano, assim ficando subentendido que cada cultura tende a estruturar suas próprias formas de pensar e agir no mundo, logo em muitos casos o contexto é realmente importante. “O significado não está bem ali na sentença – ele depende muito de quem fala ou ouve a frase, como também de suas posições políticas e sociais” (2002, p. 56).

Ao fazermos essa abordagem sustentamos o caráter social-interacional e dialógico da linguagem sintetizados pela teoria bakhtiniana, onde a investigação das práticas discursivas de dado grupo social é relevante para entender sua estruturação.

Ideologias e Metáforas Subjacentes

A partir dos discursos dos egressos, evidenciou-se a concepção de linguagem

bakhtiniana, bem como a de ideologia, logo fazendo um paralelo com a ideia de discurso metafórico abordada por Lakoff e Johnson.

O pensamento de Bakhtin vem se construindo, e nele se percebe o caráter interativo e privilegiado da linguagem e do discurso, entendidos a partir de sua natureza cultural e sócio-histórica, como também, paralelamente, as ideologias estão implicitamente empregadas na construção do discurso, logo as metáforas regem o pensamento e a ação do sujeito desse discurso.

Nos discursos apresentados, as metáforas conceituais apresentadas como trajetória, luta, libertação abordam a Educação como condição de libertação, esta última assim definida por Freire: “liberdade, que é uma conquista e não uma doação exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem.” (FREIRE, 2005, p. 37)

*-Em primeiro lugar gostaria de falar sobre primeira fase presencial que foi para mim **como a abertura de novos horizontes**. (Metáfora de Trajetória)*

*-(...) Em matemática e lógica ainda não consigo **dominar com perfeição** (...). (Metáfora de Luta)*

*-Na área de identidade sociedade e cultura **gostei muito da parte onde fala que o “saber é libertador”** (...). (Metáfora de Libertação) (grifos do autor)*

Podemos notar, nos trechos acima, que os recortes metafóricos indicam uma determinação pessoal dos egressos em alcançar objetivos individuais, mas também apontam para uma maneira de ver a atuação profissional como um crescimento gradativo, uma evolução no tempo. De certo modo, isso representa o papel que o professor assume de se responsabilizar pelo sucesso e insucesso das questões educacionais, muitas vezes isso representando uma forma, ideologicamente, constituída de tratar os obstáculos encontrados na construção da jornada profissional, bem como talvez, uma forma de resignar e encarar todas as vicissitudes da profissão.

Nesse processo os egressos buscam a construção de uma realidade social, neste caso uma boa formação que os “ensinem” a ser bons professores, logo Lakoff e Johnson (2002) definem os conceitos metafóricos como formas de estruturar o que fazemos, assim como a maneira pela qual compreendemos o que fazemos.

Ao adotarmos essa abordagem evidenciamos o caráter dialógico da linguagem, na medida em que determinados significados são desvelados e descritos no discurso dos egressos. O dialogismo bakhtiniano sobrepõe-se, uma vez que os discursos se constroem nas

relações dos sujeitos (egressos) com o outro (Proformação). Barros exemplifica da seguinte forma a relação entre sujeitos do discurso:

[...] o falante, o tópico e o ouvinte aparecem como fatores constitutivos do discurso, essenciais à sua existência e conseqüentemente à sua descrição e análise. O ouvinte é definido como aquele que o falante leva em conta, aquele para quem o discurso é orientado e que intrinsecamente determina a estrutura do discurso. E, dando continuidade à reflexão, Bakhtin analisa também o grau de proximidade recíproca existente entre os três componentes do discurso, afirmando que a inter-relação entre o falante e o tópico nunca é realmente uma relação íntima de dois, mas o tempo todo leva em conta o terceiro participante – o ouvinte -, que exerce influência crucial, portanto, sobre todos os fatores do discurso (BARROS, 2003, p. 21).

Fazendo um paralelo com a citação, podemos aqui classificar o falante como o egresso, o ouvinte como o Proformação e o tópico como o Memorial (discurso). Nessa relação, o dialogismo comanda a seleção de signos dos egressos na construção de seus discursos e essa seleção está diretamente ligada à interação entre os sujeitos e o meio em que estão inseridos.

A seleção de signos/palavras durante o processo de construção do memorial determina sua relação com o outro, neste caso, o programa. Quando o egresso refere-se, no memorial, ao Proformação, ele estabelece uma relação dialógica com o curso, uma vez que o curso é quem determina um emaranhado de competências a serem seguidas e alcançadas no ato da construção do memorial, competências que se mostram, no programa, norteadoras do discurso.

O encontro dialógico dos textos revela o encontro de duas consciências, do egresso e do programa. A intersubjetividade estabelecida entre o curso e cada egresso é o que denota negação aos processos ideológicos presentes.

Nos estudos de Bakhtin o sujeito não se apresenta como “fantoche” das relações sociais, mas como um agente, um organizador de discursos, onde sua relação com a compreensão aparece como uma espécie de resposta a questões colocadas pelo texto interpretado. Assim a proposta de Bakhtin “é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/ responsivo, que lhe dá sentido” (SOBRAL, 2008, p. 22).

Clark e Holquist (2004) assinalam que a linguagem invoca o conceito político de liberdade porque linguagem é luta contra a necessidade de certas formas. A linguagem é um nome unificante desenvolvido para a ação do que é uma dispersa e poderosa formação de forças sociais. O domínio da linguagem consiste, antes, em estar habilitado a aplicar tais

feições fixas a situações fluidas ou, em outros termos, em conhecer não as regras, mas o uso da linguagem. (Id., 2004, p. 234).

Nos trechos analisados os egressos, mesmo que inconscientes, estabelecem uma relação dialógica com o programa, este que coloca implicitamente um discurso ideológico, porém os sujeitos apresentam o que Bakhtin chama de responsividade. Logo, Sobral (2004) apresenta que:

[...] a proposta do círculo² de Bakhtin de não considerar os sujeitos apenas como seres biológicos, nem apenas como seres empíricos, implica ter sempre em vista a situação social e histórica concreta do sujeito, tanto em termos de atos não discursivos com em sua transfiguração discursiva, sua construção em texto/discurso (Id., 2004, p. 23).

A ideia de construção do conhecimento repassada pelos egressos, por meio de metáforas conceituais, evidencia um discurso já marcado por concepções ideológicas advindas do programa, porém a aparente liberdade discursiva dos egressos deixa evidente que:

[...] a intenção individual é uma questão relativa, na medida em que o “eu” é uma função do “nós”. Assim, o total de liberdade disponível para o locutor individual em um dado caso depende da razão constantemente mutante entre a fala interna, que é pensamento consciente, e a fala externa (CLARK E HOLQUIST, 2004, p. 244).

Nas falas dos egressos como “*a abertura de novos horizontes, estou aprendendo muito, devemos lutar por melhores condições de vida, ainda estou engatinhando*” etc, fica evidente que mesmo com os pressupostos ideológicos perpetuando o discurso, a subjetividade discursiva se faz presente na construção do discurso.

O discurso é, pois, produto das relações do indivíduo consigo e com os outros indivíduos. É nesse processo que se constitui o sujeito e as marcas que imprime em seu discurso carregam o histórico e o ideológico das relações que cada sujeito estabelece com o mundo, ou seja, a história da atuação desse sujeito no mundo. É nessa relação entre o mundo e o homem habitado pelo signo e ideologicamente marcado pelas estruturas sociais que os sujeitos se constituem. É nessa relação que se cria a possibilidade de diálogo e na perspectiva do diálogo há sempre um movimento de ida e vinda que cria a possibilidade de modificação recíproca (CAVALCANTE, 1999, p. 05).

² Os estudos de Bakhtin encontram-se inseridos em um grupo de trabalho chamado de Círculo de Bakhtin. Trata-se de um grupo de amigos que durante os anos 1920-1930 se encontravam e trabalhavam juntos. Além de M. M. Bakhtin pertenciam o grupo Matjev Isaevch Kagan (1889-1937), Pavel Nikolaevich Medvedev (1891-1938), Lev Vasilevich Pumpjanskij (1891-1940), Ivan Ivanovich Solletinskij (1902-1944) e Valentin Nikolaevich Voloshinov (1895-1936). (CÔCO, 2006, p. 34).

A compreensão do texto, independente de sua dimensão, implica em uma atitude responsiva/intersubjetiva, uma vez que significar este texto é adotar uma postura dialógica em que o sujeito, neste trabalho definido como o egresso, concorda ou discorda, total ou parcialmente com essa compreensão. Logo, Bakhtin define essa relação estabelecida entre enunciador e enunciatário da seguinte forma:

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subentendem-se como conhecidos, de certo modo os leva em conta (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Nesta perspectiva dialógica, intersubjetiva bakhtiniana e, ao mesmo tempo metafórica, com base na teoria de Lakoff e Johnson, os discursos dos egressos em um primeiro momento, ou seja, nos dois primeiros memoriais do módulo 1, configuram-se como enunciados/discursos constituídos com base em uma interação ideológica já existente. Interação esta que “luta”, “persiste” contra o aparelho ideológico subjacente, logo se utilizando de um discurso construído envolto de interações sócio-históricas, assim não se configurando como o discurso de um mero expectador dessas relações.

Dentro da proposta deste trabalho, os memoriais das últimas unidades do módulo IV configuraram uma (re) construção desse discurso inicial, transformação motivada pelo processo de formação deste egresso. Veja:

-Parece um sonho! Nem dá pra acreditar que já estamos chegando no fim de toda essa peleja que estamos enfrentando há dois anos. [...] quando eu lembro no quanto eu era rebelde em relação à minha profissão[...]. (Metáfora de Trajetória/ luta)

-Quando iniciei o curso Proformação tinha a sensação de não ser capaz de enfrentar os novos obstáculos [...]. (Metáfora de Luta/ trajetória)

-[...] os colegas que desistiram eu quase fui um deles mas graças a Deus com sua mão forte me segurou e até aqui, me ajudou.

-[...] durante todo este percurso tivemos várias barreiras, mas também grandes vitórias [...]. (Metáfora de Luta/ trajetória)

Na análise dos trechos constatamos a recorrência de certas metáforas conceituais no discurso do professor em formação. As metáforas de luta e trajetória denotam uma inter-relação constituída com as ideologias, onde o discurso do egresso não se apresenta

“assujeitado”. Lutar, persistir, superar denota uma condição de sujeito consciente de suas ações, onde são utilizados conceitos metafóricos como mecanismo de “estratégia” para constituir sua subjetividade. A metáfora conceitual de “trajetória” remete a uma construção histórica desse sujeito no campo educacional “*hoje sou uma professora preparada para enfrentar uma sala de aula*”; “*temos que lutar pelo direito a escola pública*”; “*eu era rebelde em relação à minha profissão*”.

Bem exemplifica essa questão Sírio Possenti (2005) quando se utiliza, resumidamente, da teoria de Michel de Certeau:

[...] os sujeitos evidentemente não estão na origem da sociedade, eles são efeitos da sociedade, mas nessa sociedade, na qual eles são efeitos (genericamente, podemos ver aí o viés estruturalista), esses sujeitos não são meros consumidores dos produtos que lhes são oferecidos. Os produtos que lhes são oferecidos, e que eles não criam, no entanto, os manipulam (2005, p. 165-166).

Dentro desta perspectiva o sujeito pode aparentar-se doutrinário, situado em uma visão determinista, porém talvez aí esteja sua singularidade/alteridade³, pois os sujeitos são constituídos de linguagem, logo suas vozes se entrecruzam, porém nunca tendo a mesma “cara”. Aceitar que um sujeito é “assujeitado” ou livre é uma posição fundamental, mas como este se faz livre, em meio a uma sociedade em constante transformação, que o torna singular. Grillo (2006) denota que:

[...] a consciência individual é constituída no meio social ou “de fora para dentro”, por meio dos materiais semióticos que a organizam, adquiridos nas interações verbais. No contexto interior, esses signos assumem nova significação, devido à sua inserção em um novo contexto vivencial. Com isso, a expressão individual já é dialogicamente orientada, uma vez que se manifestará em razão das condições sócio-históricas da existência dos sujeitos e da relação com a alteridade (2006, p. 138).

À luz da visão bahktiniana é que entendemos que (re)construímos quem somos sócio-historicamente, isto é, por meio da interação que estabelecemos com o outro frente a uma certa realidade, então, isso significa que podemos, a partir dessa perspectiva, sempre atribuir novos sentidos e uma nova liberdade ao modo como interpretamos essa realidade.

Neste trabalho o curso Proformação apresenta-se como aparelho ideológico, pois estabelece competências para a escrita do memorial, e esta escrita realizada pelo egresso

³ É a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos (Wikipedia, 2009).

torna-se um meio de acesso à participação social. As falas apresentam-se como instrumento de constituição do sujeito, pois a interação permanente e contínua com o outro (Proformação) reestrutura, modifica, como podemos perceber nas falas dos egressos:

*“[...] com o ensinamento passado pelo curso Proformação, temos a possibilidade de desenvolver um ótimo trabalho com nossos alunos.”,
“Antes de iniciar o Proformação eu não sabia como realizar uma boa aula [...]”,
“E para o encerramento deste memorial quero dizer que apesar de todo o sacrifício, esta foi uma passagem da minha vida que valeu a pena!”.*

Através desses recortes os egressos revelam sua existência em um espaço social de um dado momento histórico, reorganizando suas percepções de mundo, sendo possível reagir e questionar as questões sociais, que neste momento invocam responsabilidade pelos sucessos e insucessos da educação brasileira, logo o curso, mesmo com ideologias subjacentes, cria situações, a escrita do memorial, por exemplo, em que o professor deve refletir suas ações, experiências e aprendizados, bem como a reflexão crítica e a retomada de um pensamento “autônomo”. Acredita-se que, como produtores de conhecimentos e sujeitos ativos, os egressos vão adquirindo suportes para novas experiências.

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se. Vimos que, assim, a consciência se existência e busca perfazer-se. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. E ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma (FIORI, 2005, p. 16).

Em todas as falas dos egressos é evidente que a experiência e o aprendizado instituíram a constituição de um sujeito ativo, responsivo, que mesmo com uma ideologia reprodutora se impondo, a relação dialógica, os movimentos interacionais nos processos de escrita desse egresso professor permitiu-lhe captar o espaço formador dessa escrita, logo apontando posicionamentos de responsabilidade pelos próprios atos.

Dentro do processo de formação, o memorial, um dos instrumentos de avaliação do curso Proformação, apresenta-se com um grande mecanismo, instrumento mediador da constituição dialógica do egresso, neste caso o ex-professor cursista, pois através do discurso, aqui entendido como escrita do memorial, um elo se estabelece na cadeia discursiva e não se

separa dos precedentes que o determinam tanto fora quanto dentro, gerando assim atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Assim, a formação deste egresso acaba por propiciar o seu desenvolvimento enquanto sujeito, pois viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.

CONSIDERAÇÕES

Percebemos durante todo o processo que o discurso é um grande campo de manifestação do sujeito, tornando-se um mecanismo de plena participação social nos diferentes grupos e em distintos momentos de sua história. Pela linguagem expressamos ideias, pensamentos e intenções, estabelecemos relações interpessoais anteriormente inexistentes, influenciando o outro e alterando suas representações da realidade e suas (re)ações, bem como construímos concepções e orientações ideológicas.

Dentro da perspectiva Bakhtin (2003) que demonstra “o homem entra no diálogo como voz integral. Participa dele e não só com seus pensamentos, mas também com seu destino, com toda a sua individualidade”. Nesta perspectiva, o egresso ao construir seu discurso/memorial coloca toda sua singularidade, dentro de uma visão bakhtiniana, logo estabelecendo relações dialógicas com outros discursos, neste caso o discurso do programa de formação. A percepção imediata é de que as ideologias serão determinantes, mas os egressos se apresentam como portadores de significados e sentidos, demonstrando que tem algo a dizer, mesmo com a presença de ideologias subjacentes, logo o sujeito definido por Certeau (2008, p. 47) “tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas.”

Dessa forma os egressos demonstram que ao nos posicionarmos discursivamente, nos reconstruímos como sujeitos no mundo social a qual estamos inseridos, sendo possível também transformarmos o meio educacional. Isso significa que as escolhas feitas pelos egressos ao construírem os discursos não foram aleatórias, ainda que inconsciente, mas decorrentes das condições em que eles foram realizados, ou seja, o discurso se organizou a partir da finalidade e da intenção do locutor, que neste caso era de cumprir, como uma finalidade primeira, as exigências do programa de formação, logo a escrita de um memorial.

Dessa forma, Bakhtin nos fez pensar a relação no âmbito educacional entre egresso e curso como uma relação dialógica em que se enfrentam dois sujeitos, o eu dialógico e o tu que o constitui. Logo, essa relação para manter-se dialógica não deve se impor ou reproduzir, mas

sim problematizar, exercer análise crítica sobre a realidade problema, e a resposta a esta realidade problematizada é a ação dos sujeitos dialógicos, afim de transformá-la.

Nessa perspectiva o discurso não deve apresentar-se homogêneo, pois uma vez constituído de linguagem, este está impregnado de marcas sociais, históricas, culturais etc, deixando, nas entrelinhas singularidades, particularidades, sempre afetadas, alteradas, pelas relações que os constituem.

Partindo desse pressuposto, este trabalho apresentou recortes discursivos que evidenciam as várias possibilidades de sujeitos inseridos em uma realidade objetiva transformarem-se em sujeitos responsivos, de acordo com a teoria bakhtiniana. O curso de formação aqui referido serviu de palco à transformação desses sujeitos.

Nos enunciados os egressos revelaram sentidos construídos a partir de uma relação de cursista (naquele momento) e programa de formação, bem como os significados latentes de reprodução ideológica. As estratégias, ou como, teoriza Certeau, as invenções cotidianas que os egressos apresentam em seus discursos, representam as diferentes formas de se ajustarem às políticas que lhes são impostas, reorganizando suas práticas.

REFERÊNCIAS

BAHKTIN, Mikhail M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CAVALCANTE, Maria do Socorro A. de O. *O sujeito responsivo/ativo em Bakhtin e Lukács*. Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Disponível em <http://www.discurso.ufg.br/sead2/doc/sujeito/maria.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FIORI, Ernani Maria. *Prefácio: aprender a dizer a sua palavra*. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. *Espera e campo*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. 2. ed. São Paulo: Educ: Mercado de Letras, 2002.

MIOTELLO, Valdemir. *Ideologia*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

POSSENTI, Sírio. *A linguagem tem sujeito?*. In: XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana (orgs.). *Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística*. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

SOBRAL, Adail. *Ato/atividade e evento*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

WIKIPEDIA, Enciclopédia Livre. *Alteridade*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>>. Acesso em: 19 fev de 2009.